

TRÂNSITOS LUSÓFONOS NA SOCIEDADE EM REDE*¹

Lurdes Macedo²

RESUMO

Cruzando as viagens e as migrações no espaço lusófono em tempos de sociedade em rede, a relação dos seus sujeitos dessas mesmas viagens e migrações com os novos media, os trânsitos virtuais, ou seja, as práticas de comunicação na Web entre cidadãos que falam, pensam e sentem em português e, por fim, os mesmos trânsitos virtuais em tempos de sociedade em rede, pretende-se neste artigo dar conta da forma como os cidadãos lusófonos utilizam as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) nos nossos dias, bem como dos entendimentos sobre a lusofonia que exprimem nos textos que publicam no espaço virtual.

Palavras-chave: lusofonia, sociedade em rede, blogosfera.

ABSTRACT

Starting from the travels and the migrations in the lusophone space at the web society time, the relationship between the people that accomplish such travels and migrations and the new media; the virtual traffic and the communication practices on the web among citizens that speak, think and feel in the Portuguese language and, finally, the same virtual traffic at the web society time, the aim of this article is to understand how lusophone citizens make use of the information and communication technologies nowadays, as well as to understand the points of view about lusophonia that they express in the edited texts at the virtual space.

Key-words: lusophonia, web society, blogosphere.

* Este artigo configura uma versão revista e aumentada da conferência proferida no âmbito do Seminário “Media e Novos Media – Diáspora e Migrações” realizado no dia 14 de outubro de 2011, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

¹ Este artigo foi escrito em português europeu ao abrigo do novo acordo ortográfico.

² Doutoranda em Ciências da Comunicação na Universidade do Minho (Portugal), com coorientações na Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo (Brasil) e na Universidade do Texas (EUA). Título da Dissertação: Falar, pensar e sentir em português - a reconfiguração do espaço lusófono na sociedade em rede. Investigadora do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho. Docente na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu e na Universidade Lusófona do Porto.

Ponto de partida

A evolução das Tecnologias de Informação e de Comunicação (TIC) e o desenvolvimento da *World Wide Web* (www), conduziram a nossa sociedade a uma transformação tecnológica que se tem vindo a refletir nos mais diversos domínios da experiência humana. Com efeito, estes dispositivos colocaram à disposição das sociedades tecnologicamente mais avançadas novas oportunidades de comunicação, melhorando a rapidez e a eficácia do processamento e da transmissão de informação e reduzindo, ao mesmo tempo, as distâncias espaciais (MACEDO, 2005). Por isso, vivemos hoje numa sociedade em rede, ou seja, numa sociedade mediada por redes de computadores que operam à escala global.

Este artigo será tratado cruzando os variados pontos de vista que o seu título possa inspirar: as viagens e as migrações no espaço lusófono em tempos de sociedade em rede; as mesmas viagens e migrações e a relação dos seus sujeitos com os novos media; os trânsitos virtuais, ou seja, as práticas de comunicação na Web entre cidadãos lusófonos; e, por fim, os mesmos trânsitos virtuais em tempos de sociedade em rede.

O ponto de partida para esta investigação remonta a 2003, ano em que durante os trabalhos de avaliação intercalar do Programa Operacional Sociedade da Informação (POSI), levado a cabo pelo governo português, foi realizado o levantamento do grau de implementação deste instrumento de política no arquipélago dos Açores. Com surpresa, verificou-se que apesar do atraso na implementação do POSI, a utilização das tecnologias da informação e da comunicação (TIC) era já uma realidade bem presente num espaço geográfico que, tradicionalmente, se apresenta com indicadores de desenvolvimento inferiores aos de Portugal continental. Uma investigação mais aprofundada permitiu compreender que a elevada utilização das TIC neste conjunto de ilhas se devia a dois fatores: as características do território como a insularidade, a longuinquidade, a perifricidade e a fragmentação, por um lado, e a significativa diáspora açoreana, presente sobretudo nos Estados Unidos e no Canadá, por outro. Mesmo sem uma política pública implementada, os computadores e a internet proliferaram no arquipélago dos Açores, por iniciativa privada, como antídotos contra o isolamento e contra a saudade.

Desta experiência resultou o interesse científico por uma questão que, só em 2008, foi possível retomar: a relação entre os milhões de seres humanos que transitam neste mundo falando, pensando e sentindo em português e a utilização dos novos media, nomeadamente da internet.

Estudo exploratório

Um primeiro estudo exploratório, realizado com o objetivo de compreender os processos de constituição de comunidades lusófonas no ciberespaço, realizado entre o último trimestre de 2008 e o primeiro trimestre de 2009, teve como objeto de estudo o site Riodades. Este dispositivo foi lançado na internet, em 1998, por iniciativa de um grupo de jovens da freguesia de Riodades, concelho de S. João da Pesqueira, como reação à enorme dificuldade que na altura sentiram em manter a edição e a publicação do jornal local: o Riodades XXI. Como acontece com grande parte das aldeias portuguesas, também Riodades possui uma vasta diáspora que, na época, recorria à assinatura deste jornal para se manter informada sobre o que acontecia na aldeia. A necessidade de divulgar a crescente dinâmica desportiva e cultural, que na altura se fazia sentir na freguesia, também não permitia que se acabasse definitivamente com o Riodades XXI. Então, a solução encontrada foi transformá-lo num jornal eletrónico.

A partir desta primeira experiência no ciberespaço, surgiu a ideia de se criar um site oficial de Riodades – com a morada riodades.no.sapo.pt – que acabou por incorporar a função informativa do Riodades XXI. Designado o webmaster - um jovem riodadense residente na Suíça que mantém essa responsabilidade até aos dias de hoje – e designados os seus mais diretos colaboradores, que lhe enviariam conteúdos e fotografias por e-mail ou via MSN, o site foi concebido com o objetivo de aproximar os riodadenses da sua terra natal, dos seus familiares e dos seus amigos.

Embora não possuísse registos do número de visitas nos primeiros anos de existência do site, o webmaster tinha a perceção de que este tinha vindo a aumentar ao longo dos anos, fruto não só da democratização da internet, mas também porque a segunda geração da diáspora cresceu de forma infoincluída acedendo ao Riodades regularmente e trazendo consigo os mais velhos para este espaço virtual.

Os registos obtidos através do *Google Analytics*, referentes ao período compreendido entre 1 de setembro de 2008 e 15 de março de 2009, permitiram verificar que o site recebeu, durante esse semestre, 2690 visitas de 1294 visitantes. Estas foram realizadas, por ordem decrescente de representatividade, a partir de Portugal, França, Suíça, Espanha, Brasil e Holanda, havendo ainda registo de algumas visitas a partir dos Estados Unidos, da Alemanha, da Polónia e do Japão. O tempo médio por visita à primeira página rondou 1 minuto e 44 segundos, sendo as visitas provenientes do Brasil as mais demoradas, com uma média de 2 minutos e 6 segundos.

Relativamente aos efeitos produzidos por este sítio da internet, poder-se-ão descrever a aproximação entre pessoas com origens nesta aldeia espalhadas pelo mundo, o reencontro e reforço de amizades esbatidas pelo tempo e pela distância e o contacto entre familiares que não se conheciam (nomeadamente entre portugueses e brasileiros lusodescendentes), o que resultou no aparecimento de uma comunidade virtual lusófona que se estendeu a outros dispositivos da internet como o *MSN*, o *Skype*, o *Hi5* ou o *Facebook*. Assim, deixou de ser necessário esperar pelo mês de agosto, o tradicional mês de férias em Portugal, para reencontrar a família e os amigos. Ao mesmo tempo, grande parte dos cidadãos desta aldeia retomou o contacto com seus familiares que, durante as décadas de 50 e 60 do século passado, resolveram prosseguir as suas vidas no Brasil (MACEDO, 2009).

A transformação do binómio espaço/tempo a que se refere Webster (1999), na sua descrição dos efeitos provocados pela internet, constituiu assim a condição para a aventura da criação de uma comunidade virtual, formada por elementos da diáspora de uma pequena freguesia do interior português que em comum tem as origens e a língua. Trata-se de uma comunidade que se foi democratizando com a entrada de pessoas de todas as idades, de todos os níveis socioculturais e dos mais diversos pontos do globo.

A sociedade em rede nos países de língua oficial portuguesa

Mais recentemente, no âmbito do projeto de investigação “Narrativas identitárias e memória social: a (re)construção da lusofonia em contextos interculturais”³, que decorre desde abril de 2010 no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho, foi possível aprofundar a investigação sobre esta temática.

No âmbito da tarefa 1, dedicada ao estudo do ciberespaço lusófono, foi realizada uma primeira investigação sobre as políticas para o desenvolvimento da Sociedade em Rede nos oito países de língua oficial portuguesa. Esta permitiu verificar que o grau de conceção e de implementação destas políticas é muito variável em cada um destes países. Portugal apresenta-se como o país com melhores indicadores a este nível. Todavia, por efeito demográfico, é o Brasil o país com maior atividade na internet no conjunto dos países lusófonos. Quanto aos países africanos e Timor-Leste, estes encontram-se ainda numa fase muito embrionária da sua participação na Sociedade em Rede (Macedo, Martins &

³ Projeto financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), com a referência PTDC/CCI-COM/105100/2008.

MACEDO, 2010). Esta é uma realidade que explica as elevadas taxas de infoexclusão no ciberespaço lusófono, fenómeno demonstrado por Évora & Silva (2010) e por Macedo, CABECINHAS e MACEDO (2010).

De salientar que Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, na sua condição de “nações-arquipélago” apresentaram indicadores de participação na Sociedade em Rede que, ainda que baixos no sentido absoluto, surpreenderam em termos relativos. De facto, a expectativa que se poderia formular a partir do grau de conceção e implementação de políticas públicas para o desenvolvimento deste paradigma nestes dois países, apontava para uma taxa de utilização das TIC muito inferior à identificada.

Assim, foi possível reforçar as conclusões que já haviam sido tiradas a partir da experiência vivida nos Açores: as características do território (insularidade, fragmentação, perifricidade e longinquidade), bem como a dimensão e o significado das diásporas destes dois países impulsionaram a utilização da internet e a participação na sociedade em rede.

A propósito da insularidade do seu país, Olinda Beja, escritora e poetisa são-tomense, afirma em entrevista (MACEDO e MARQUES, 2010: 292):

Eu penso que os são-tomenses sentem muito a insularidade. (...) No meu país, há o dia de São Navio e o dia de Santo Avião. Ainda hoje, quando chega o avião, há muita gente que está do lado de fora da rede e que não está à espera de ninguém... apenas querem ver o avião, aquilo que vem do outro lado do mundo. Quando a internet entra, passa a ser também o seu avião e o seu navio...entra qualquer coisa que lhes dá acesso ao mundo, ao exterior, àquilo que eles não conhecem, porque nem todos têm possibilidade de viajar.

Diz ainda Olinda Beja, a propósito da diáspora são-tomense, da qual faz parte, e da sua relação com a internet (MACEDO e MARQUES, 2010: 291):

(...) São Tomé, que é tão pequenino, tem um jornal virtual e às vezes, quando estou a ler as opiniões deixadas pelos cibernautas, penso que aquelas pessoas estão todas em São Tomé...e de repente apercebo-me que estão em Londres ou no Brasil! Penso que isto é bonito, que isto é, na realidade, uma virtude fundamental da internet.

A escritora e poetisa avança na sua reflexão, revelando-nos um aspeto fundamental para a compreensão da utilização das TIC no seu país (Macedo & Marques, 2010: 292): “Os centros de internet estão sempre a abarrotar, sobretudo agora que a embaixada do Brasil disponibilizou três. (...) os jovens têm sempre, desde manhã até à noite, a internet a funcionar em São Tomé (...)”.

O papel da ajuda internacional nestes países ajuda-nos a descortinar como populações privadas de muitos dos bens essenciais têm a possibilidade de aceder a um equipamento e a um serviço com preços elevados. Olinda Beja conclui a sua entrevista, afirmando (MACEDO e MARQUES, 2010: 292): “Acho mesmo que de todos os países da lusofonia, São Tomé foi aquele que mais sentiu a necessidade da internet”.

Apesar das elevadas taxas de infoexclusão em grande parte dos países de língua oficial portuguesa, entre o final do século XX e o tempo presente, apareceram na Internet milhares de sites, de blogues e de fóruns escritos neste idioma, tendo-se este tornado num dos mais presentes na *World Wide Web*.

A este propósito, a investigação realizada por Macedo, Martins & Macedo (2010) colocou em evidência os números apresentados pela *Internet World Stats*. Em junho de 2010, este dispositivo de comunicação era utilizado por 1 966 514 816 de pessoas em todo o mundo. Os utilizadores lusófonos eram, aproximadamente, 82 548 200, representando a quinta comunidade linguística com maior presença no ciberespaço, à frente dos utilizadores falantes de alemão, de árabe, de francês ou de russo, como é possível verificar no gráfico que a seguir se apresenta.

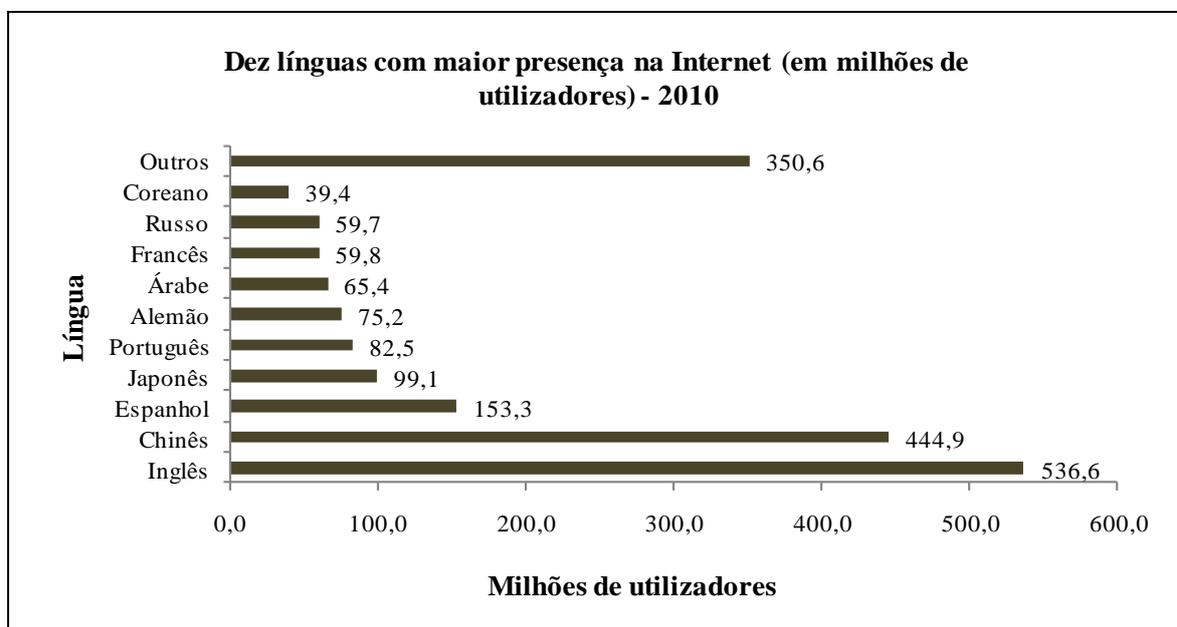


Gráfico I – Representatividade das dez línguas com maior presença na Internet, em milhões de utilizadores (junho de 2010)⁴

⁴ Fonte: Internet World Stats (www.internetworldstats.com/stats7.htm).

Assim, o novo paradigma comunicacional baseado na convergência e na ampla utilização de infotecnologias – a Sociedade em Rede – parece convocar o ciberespaço enquanto um novo lugar da lusofonia, no qual se estabelecem redes virtuais de comunicação entre cidadãos que, dispersos por todos os cantos do mundo e pertencentes às mais diversas etnias e culturas, pensam, sentem e falam em português.

Contudo, para que possamos extrair algumas conclusões sobre esta nova realidade, há que perceber se os conteúdos escritos em português que se encontram acessíveis na web fomentam a consciência coletiva de uma comunidade lusófona. Por outras palavras, devemos-nos questionar sobre o que é que a utilização dos dispositivos que nos são facultados pela internet acrescenta à ideia e à experiência da lusofonia.

A lusofonia em sites e blogues de três países de língua oficial portuguesa

O projeto da lusofonia aborda um espaço fragmentado, disperso por várias latitudes e longitudes do globo, no qual habitam cidadãos de diversos grupos étnicos e com diferentes modos de vida. Daí que a lusofonia se configure “uma construção extraordinariamente difícil” (SOUSA, 2006: 9), uma vez que pode ser entendida à luz de uma pluralidade de significados e de representações resultantes da experiência de cada um dos povos que se exprime em língua portuguesa.

Uma dessas representações propõe a lusofonia como uma espécie de prolongamento simbólico do período colonial ou como, no dizer de Martins (2006), um *espaço de refúgio imaginário* e de *nostalgia imperial*, ideias que colocam Portugal no epicentro do projeto lusófono. Este *equívoco lusocêntrico* (MARTINS, 2006) tem persistido para além da independência das várias nações de língua oficial portuguesa, ameaçando o desenvolvimento de uma ideia pós-colonial para o projeto lusófono.

A este tipo de equívoco não é alheio o facto de a história do império colonial português conhecer várias versões: a do colonizador e as dos colonizados. Como observa Pedreira (2000), no caso da história colonial que coloca Portugal em relação com o Brasil, a tentativa de encontrar uma perspetiva comum, entre os historiadores dos dois lados do Atlântico, falhou.

Trata-se, portanto, de um entendimento da lusofonia que assenta na memória histórica do império colonial português, colocando em tensão os vários povos que constituem esta *comunidade imaginada* (ANDERSON, 1983).

A lusofonia pode ser também entendida como um ponto de confluência de identidades distintas e dispersas em diferentes momentos e em diferentes espaços (CUNHA, 2010). Trata-se de uma perspectiva que enfatiza as diversas identidades locais, regionais e nacionais presentes no espaço de língua portuguesa, mais do que uma identidade transnacional capaz de configurar um projeto lusófono.

Para outros, ainda, a lusofonia pode ser entendida como um *mosaico mágico* (BRITO & HANNA, 2010) capaz de produzir sentido para 240 milhões de cidadãos em todo o mundo, constituindo-se, deste modo, como uma comunidade de cultura(s) em permanente (re)construção. Partindo do princípio de que a identidade está sempre incompleta (BUTLER, 2000), este entendimento procura enfatizar e compreender o cruzamento das diferentes culturas lusófonas num tempo marcado pela globalização. É nesta contemporaneidade na qual o binómio espaço / tempo se reconfigura, criando novas oportunidades de comunicação e de mobilidade aos cidadãos, que a interpenetração de culturas no espaço da lusofonia parece acentuar as vivas cores deste complexo mosaico. E é na combinação entre o moderno e o tradicional, nas trocas culturais e na produção das mais diversas mestiçagens que Brito & Hanna (2010: 78) observam “a preferência pelo hibridismo, pela mistura, pelo cruzamento de fronteiras culturais e identitárias”, resultantes de um diálogo transnacional entre cidadãos lusófonos no contexto da era global.

O cenário que envolve o *mosaico mágico* nos nossos dias afigura-se, deste modo, favorável à prossecução da ideia de espaço cultural da lusofonia apresentada por Martins (2006: 81): “a comunidade e a confraternidade de sentido e de partilha comuns só podem realizar-se pela assunção dessa pluralidade e dessa diferença e pelo conhecimento aprofundado de uns e de outros”.

É também este cenário de globalização e de ampla utilização das TIC que dá sentido à nossa questão: o que é que a utilização da internet acrescenta à ideia e à experiência da lusofonia?

A escassez de estudos que nos deem conta desta questão conduziu-nos à realização de uma investigação empírica que teve como ponto de partida a primeira cartografia do ciberespaço lusófono (MACEDO, MARTINS e MACEDO, 2010), composta por 350 blogues e sites dedicados a temáticas relacionadas com narrativa(s), identidade(s) ou memória(s) dos oito países de língua oficial portuguesa.

Desta cartografia, selecionamos quinze blogues ou sites de três países lusófonos que representam realidades bem distintas: o Brasil, gigante sul-americano com quase 200 anos

de independência e em franco crescimento económico, o que lhe confere hoje o estatuto de potência emergente; Moçambique, um dos países mais pobres do mundo, situado na África austral e independente desde 1975; Portugal, ex-potência colonial e hoje país europeu pequeno e periférico que se apresenta com os melhores indicadores de desenvolvimento entre o conjunto dos países de língua portuguesa.

O facto de termos enveredado por um tipo de investigação multimétodo - com estudos de caso que compreenderam entrevistas a bloguistas, aos seus colaboradores e aos seus seguidores, análise de conteúdo de *posts* e análise de imagens (abordagem qualitativa), bem como análise estatística de visitas (abordagem quantitativa) – impediu o alargamento da nossa amostra a blogues e sites de outros países representados nesta cartografia do ciberespaço lusófono.

Os critérios que presidiram à seleção dos blogues e sites foram os seguintes: ser escrito a partir de Moçambique, Portugal ou Brasil; versar sobre um destes países ou conjugar a sua abordagem a um destes países em relação com outro(s) país(es) lusófono(s); produzir reflexões direta ou indiretamente relacionadas com questões de lusofonia, nomeadamente sobre identidade, memória social, relações interculturais, reflexões críticas sobre o período colonial, entre outras; gerar interatividade e debates entre os participantes (que podem funcionar como grupos de discussão); conter um rol de elos que permita a análise de redes de relacionamento e de sociabilidade (o que fornece muita informação sobre a construção das próprias identidades); ter sido atualizado com alguma frequência, nomeadamente ter sido atualizado em 2010, ano a que reporta o início desta investigação.

A partir destes critérios, foram selecionados cinco blogues ou sites de cada um dos três países de referência – Brasil, Moçambique e Portugal – que apresentamos sucintamente no Quadro 1.

País	Denominação	Blogue / Site	Nacionalidade do autor / relação com outros países lusófonos	Residência do autor
Brasil	Cultura Brasil - Portugal	Site	Brasileira, emigrante em Portugal	Lisboa, Portugal
	Lusofonia Horizontal	Blogue	Brasileiro luso-descendente, ex-estudante em Portugal	São Paulo, Brasil
	Revista da Lusofonia	Blogue	Dupla nacionalidade (português e	São Paulo, Brasil

			brasileiro)	
	Trezentos	Blogue	Brasileiro	São Paulo, Brasil
	Todos os fogos o fogo	Blogue	Brasileiro	Rio de Janeiro, Brasil

Moçambique	B'andhla	Blogue	Moçambicano	Maputo, Moçambique
	Contrapeso 3.0	Blogue	Moçambicano, trabalha regularmente em Angola	Maputo, Moçambique
	Ma-schamba	Blogue	Português, emigrante em Moçambique	Maputo, Moçambique
	Rabiscando Moçambique	Blogue	Moçambicano, trabalha regularmente em Angola	Maputo, Moçambique
	Ximbitane	Blogue	Moçambicana	Maputo, Moçambique

Portugal	Alto Hama	Blogue	Português, n. Angola	Matosinhos, Portugal
	BUALA – Cultura contemporânea africana	Site	Portuguesa, ex-emigrante em 4 PALOP	Lisboa, Portugal
	Etnias: o bisturi da sociedade	Blogue	Portuguesa, n. Moçambique	Lisboa, Portugal
	Luís Graça & Camaradas da Guiné	Blogue	Português, ex-combatente na Guiné-Bissau	Lisboa, Portugal
	Outro Portugal	Blogue	Português	Lisboa, Portugal

Quadro 1 – Blogues e sites selecionados e sua proveniência

Neste artigo, avançar-se-á apenas com algumas conclusões relativamente às entrevistas realizadas a bloguistas e webmasters destes quinze dispositivos de comunicação.

De entre os quinze interlocutores entrevistados, todos eles com experiências de trânsitos entre países lusófonos, dez possuem uma experiência relacionada com migrações entre estes mesmos países. Porque nasceram e cresceram noutro país de língua portuguesa, porque tiveram ou têm percursos migratórios no espaço lusófono (devido a estudo, trabalho ou combate na guerra colonial) ou porque mantêm uma parte da sua atividade profissional num país desse mesmo espaço, dez dos autores entrevistados revelaram afinidades diversas com outros países da CPLP⁵. Estas experiências pessoais parecem influenciar a predisposição destes autores para a produção de conteúdos na internet sobre memória e identidade nos países lusófonos. De facto, nas experiências de comunicação

⁵ Comunidade de Países de Língua Portuguesa.

interpessoal, são também as pessoas com vivência de migrações e/ou trânsitos entre os países da CPLP quem mais coloca o tema da lusofonia em cima da mesa.

Apresentar-se-ão, de seguida, resultados parciais das entrevistas realizadas aos autores dos blogues e sites que constituíram os nossos estudos de caso sobre o ciberespaço lusófono. Estes resultados parciais incidem sobre os seguintes temas: utilização da língua portuguesa, características da blogosfera lusófona e significados da lusofonia. Partindo do princípio de que estes significados se refletem necessariamente nos posts que publicam, analisar-se-ão os discursos dos vários interlocutores organizando-os segundo a proveniência dos blogues e sites que animam.

a) Brasil

Quanto aos autores dos blogues da subamostra brasileira, as representações sobre a língua portuguesa, sobre a blogosfera lusófona e sobre a lusofonia são muito diversas. Se há dois autores que consideram que o facto de o seu blogue ou site ser escrito em português lhes traz vantagens - como a partilha cultural com outros cidadãos lusófonos e muitos seguidores espalhados pelo mundo - os outros três consideram que isso os limita. Os mesmos autores admitem que se escrevessem em inglês ou espanhol poderiam ter muitos mais seguidores. Um dos autores admite que o ideal seria publicar um blogue bilingue. Contudo, observam que o português é uma das línguas mais faladas no mundo, embora seja uma língua sem projeção internacional.

De um modo geral, os autores do Brasil referem que a blogosfera lusófona é desigual e que em muitos dos países de língua portuguesa a cobertura infraestrutural da internet é fraca. Daí que muitos dos cidadãos lusófonos não tenham acesso a este media. Ainda assim, todos os interlocutores admitem que se trata de uma blogosfera interessante, com muitos blogues bem feitos, mesmo os provenientes dos países menos desenvolvidos.

Quanto à lusofonia, três dos autores acreditam que esta não existe enquanto identidade comum. A ideia de lusofonia afigura-se-lhes legítima, mas tem que ser (re)trabalhada. Isto acontece porque ainda subsiste uma carga ideológica muito forte associada à ideia de lusofonia. Em grande parte, ela constitui um desdobramento da ideia de portugalidade, o que não pode ser aceite por quem procura na lusofonia um sistema aberto e horizontal interligado com outros sistemas.

Todos os autores entrevistados admitem haver um grande “desconhecimento mútuo” entre os países lusófonos. Por este motivo, alguns procuram, através das suas publicações, criar “instrumentos para um melhor conhecimento” ou oferecer uma “salada cultural”. Um

dos bloguistas brasileiros admite que pensa a questão da identidade em termos sul-americanos e que é isso que procura transmitir aos seus leitores. Para ele, a identidade constrói-se a partir da proximidade e de afinidades, sobretudo geográficas e culturais. No seu entendimento, a riqueza da língua portuguesa não gera uma identidade; a diversidade de identidades na qual ela é falada (europeia, sul-americana, africana, asiática) é que a enriquecem.

b) Moçambique

Entre os bloguistas que animam dispositivos de comunicação on-line moçambicanos existem posicionamentos diversos quanto à língua portuguesa, embora haja um certo consenso quanto aos significados da lusofonia.

Sobre o facto de os seus blogues serem escritos em português, um dos autores pensa que isso não lhe traz mais leitores e seguidores, porque os que possui são exclusivamente moçambicanos, sobretudo na diáspora. Observa ainda que Moçambique não interessa aos restantes cidadãos lusófonos, uma vez que estes desconhecem a realidade do país. Contrariamente, três dos bloguistas sustentam que o facto de os seus blogues serem escritos em português lhes permite a interação com outros cidadãos lusófonos, nomeadamente brasileiros e portugueses com interesse por África. Uma autora refere, a este propósito, que ao aceder a um blogue cabo-verdiano, não conseguiu lê-lo por este se encontrar escrito em crioulo. Se por um lado, isto lhe pareceu interessante pela preservação da língua local, por outro lado, ela percebeu o alcance da língua portuguesa e o quanto esta pode aproximar os seus falantes. Todavia, um destes autores admite que o seu blogue teria muito mais impacto se fosse escrito em inglês ou em francês.

A lusofonia ou a identidade lusófona são conceitos que não fazem sentido para estes autores: porque nunca pensaram sobre eles, porque julgam que estes “na prática, traduzem-se em nada” ou, ainda, porque os rejeitam. Na base desta rejeição está a observação de que os restantes países lusófonos não se interessam por Moçambique. Os interesses económicos levam-nos, antes, a focar a sua atenção em Angola. Afirmações como “a construção da lusofonia é uma tanga⁶”, “é lixo intelectual” ou “eu espero ter convencido [com os meus textos] pelo menos uma pessoa de que o termo é lixo” revelam bem o entendimento de um destes autores.

A fraca importância que os autores dos blogues moçambicanos atribuem a estas questões conduziu, inclusive, à recolha de uma menor quantidade de informação.

⁶ Tanga – termo usado na gíria que significa brincadeira ou gozação.

c) Portugal

Das entrevistas a bloguistas e webmasters portugueses resultaram experiências e opiniões mais favoráveis quanto à lusofonia. Desde logo, estes autores consideram que a língua portuguesa é um fator de impacto positivo na divulgação dos seus dispositivos de comunicação, justificando esta sua opinião com o elevado número de falantes de língua portuguesa espalhados pelo mundo.

Todavia, dois dos interlocutores, mais familiarizados com África, referem que a demografia da língua portuguesa é superior à sua real dimensão, uma vez que muitos africanos dos países de língua oficial portuguesa não dominam este idioma. Ainda assim, consideram que a língua portuguesa tem uma grande dimensão mundial e um grande alcance. Um destes dois autores admite, contudo, que seria interessante publicar também textos em inglês e em francês no seu blogue, no sentido de chegar a mais pessoas. Outra bloguista, que começou por ter um blogue em inglês, refere ter criado o blogue em língua portuguesa por respeito aos seguidores lusófonos, tendo de seguida conquistado mais seguidores falantes de português.

Por seu lado, a webmaster entrevistada considera que os produtores de conteúdos web em língua portuguesa ainda não se deram conta do alcance que este facto pode ter “porque não se lembram que os seus textos podem ser lidos fora do seu país”. De um modo geral, estes autores veem na língua portuguesa uma língua de coesão, de cultura e de globalização.

Todos os interlocutores referem, igualmente, possuir seguidores e/ou colaboradores de outros países de língua portuguesa, o que lhes permitiu estreitar laços com essas pessoas por via do ciberespaço. Aliás, um dos bloguistas diz ser seu objetivo colocar à disposição dos cidadãos lusófonos um “ponto de encontro”. Uma das autoras entrevistadas nota que este tipo de relação potencia oportunidades de trabalho, nomeadamente convites para participar em colóquios e em exposições.

Outro dos interlocutores vai ainda mais longe, opinando que o ciberespaço constitui uma espécie de realização do mito do Quinto Império⁷, no qual uma comunidade cultural de raiz lusófona que se estende a nível planetário. Atente-se numa afirmação deste autor: “Para além de portugueses, brasileiros, angolanos ou moçambicanos, somos também lusófonos e vivemos essa lusofonia no espaço virtual”. É assim que, na visão deste

⁷ Ideia apresentada pelo Pe. António Vieira e mais tarde prosseguida por Fernando Pessoa e por Agostinho da Silva.

interlocutor, um espaço fragmentado como é o espaço da lusofonia, passa a ser um espaço unificado pelo ciberespaço.

Os entrevistados portugueses, de um modo geral, revelaram uma opinião positiva sobre o material que se encontra acessível na blogosfera lusófona. Um dos autores considera mesmo que esta é “ativa, atuante e crítica”, tomando o lugar deixado em aberto pelos *media* tradicionais no que toca à denúncia de situações e ao debate de assuntos de interesse para os cidadãos. As discussões animadas pelas diásporas são também consideradas positivas na blogosfera lusófona.

Naturalmente, estes autores encontram também material de menor qualidade, nomeadamente conteúdos nacionalistas, saudosistas, preconceituosos ou exibicionistas que não abonam a favor da identidade lusófona. Uma das autoras refere que isto é mais frequente em Portugal pois o acesso à blogosfera está mais democratizado. Nos restantes países, por via da infoexclusão, só as elites publicam em blogues, pelo que o material aí colocado acaba por ser mais selecionado. Retomando a questão da infoexclusão, um dos autores nota que Portugal e o Brasil acabam por ser os pilares da blogosfera lusófona, uma vez que nos restantes países esta é ainda “muito rudimentar”.

Os significados da lusofonia revelados por esta subamostra de autores são claramente mais positivos do que os revelados pelos autores do Brasil e de Moçambique. Para um dos autores, a lusofonia constitui uma “visão armilar” do mundo, uma visão na qual Portugal e os países de língua portuguesa podem ser pontes, mediadores ou elos entre povos. Uma outra entrevistada concebe a lusofonia no conhecimento das singularidades de cada um dos povos de língua portuguesa e não como uma cultura homogénea. É na diferença que faz sentido encontrar essa identidade e constituir essa comunidade lusófonas.

Outra autora, ainda, refere que os textos mais lidos no seu blogue são os dedicados à lusofonia, talvez devido ao desconhecimento mútuo que existe entre os países lusófonos. Defende ainda a ideia que “não se deve ter vergonha ou esconder o colonialismo porque o lado mau deste período da história já passou”. O que daí restou, segundo ela, é bom: a multiculturalidade. Daí que, a mesma autora, admita que um dos seus objetivos é incutir nos seus leitores o orgulho de ser lusófono. É possível encontrar neste discurso um entendimento próximo do mito do lusotropicalismo⁸ e a crença na suposta apetência especial dos portugueses para a multiculturalidade.

⁸ Teoria da autoria do sociólogo brasileiro Gilberto Freyre.

Todos os interlocutores assumem que procuram, através dos seus dispositivos de comunicação na web, fomentar a consciência coletiva de uma identidade lusófona, divulgando a(s) cultura(s) que a consubstanciam. Todavia, um dos bloguistas alerta para o facto de a lusofonia dizer muito pouco às novas gerações. Refere que, no caso português, os jovens estão cada vez mais orientados para a Europa.

Por fim, estes autores referem que a memória é uma das centralidades temáticas na edição dos seus conteúdos para a web. Isto é importante, segundo um dos autores, sobretudo para os países africanos, uma vez que estes possuem uma memória muito fragmentada do seu passado. Uma outra autora refere que é necessário apelar à memória que nos é dada pela história contemporânea africana se quisermos conhecer os PALOP⁹. Preservar e difundir o património cultural lusófono é um dos objetivos de outro dos bloguistas, advogando este a importância de “tornar a memória presente e projetá-la no futuro”.

d) Entrevistas a bloguistas – conclusões gerais

Os resultados apresentados nesta investigação revelam que os significados da lusofonia são muito diversos no ciberespaço dos três países analisados. Se nos blogues moçambicanos este significado está ausente ou é rejeitado, nos dispositivos de comunicação web brasileiros este mesmo significado apresenta-se um pouco mais desenvolvido. Todavia, os brasileiros entrevistados privilegiam a identidade sul-americana ou concebem a lusofonia enquanto sistema aberto e interligado com outros sistemas.

Os moçambicanos e os brasileiros entrevistados são também céticos quanto à dimensão e ao alcance da língua portuguesa, revelando que a utilização desta os limita. A escrita em inglês, espanhol ou francês, na perspetiva destes autores, permitir-lhe-ia obter um maior número de colaboradores e de seguidores, dando maior projeção aos seus textos. Curiosamente, nenhum dos bloguistas moçambicanos considera a hipótese de escrever numa das diversas línguas locais, mesmo aqueles que escolheram um nome inspirado em línguas africanas para o seu blogue.

Sem surpresa, são os blogues e sites portugueses que apresentam, pela voz dos seus autores, representações mais positivas da lusofonia. Encontram-se aqui ideias que vão desde a comunidade multicultural plena de singularidades que dão sentido a essa mesma cultura, à realização do Quinto Império - mito proposto pelo Pe. António Vieira, por

⁹ Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa.

Fernando Pessoa e por Agostinho da Silva - no qual uma comunidade cultural de raiz lusófona promove o entendimento mútuo entre povos a nível planetário.

Os autores portugueses têm também representações mais positivas sobre a utilização da língua portuguesa, considerando que esta lhes oferece muitas oportunidades de partilha e de contacto.

Perante estes resultados, parece-nos fundamental refletir sobre a forma como os discursos dos interlocutores entrevistados poderão ir de encontro aos vários entendimentos sobre a lusofonia atrás apresentados. Assim, o *equivoco lusocêntrico* parece persistir nos discursos brasileiros, moçambicanos e portugueses, embora sob perspetivas diferentes. A associação da lusofonia à ideia de portugalidade, expressa em vários dos discursos de bloguistas brasileiros e moçambicanos, ou a multiculturalidade resultante do processo de colonização – conceção próxima do mito do lusotropicalismo de Gilberto Freyre – expressa por uma bloguista portuguesa, constituem-se como formas de pensar a lusofonia segundo o entendimento do *equivoco lusocêntrico*.

A lusofonia enquanto ponto de confluência entre identidades dispersas mais do que uma identidade transnacional está também presente no discurso de alguns dos autores brasileiros e moçambicanos entrevistados. Desde logo, a grande maioria destes bloguistas aponta o “desconhecimento mútuo” entre os países lusófonos como forma de validação para este entendimento da lusofonia. Alguns destes interlocutores admitem ainda que pensam a questão da identidade a partir de afinidades geográficas e culturais, mais do que a partir da questão da língua. Assim, a identidade sul-americana ou africana acabam por estar mais presentes nos seus posts do que a identidade lusófona. Um dos bloguistas brasileiros afirma mesmo que a língua portuguesa não gera uma identidade; a diversidade de identidades na qual ela é falada (europeia, sul-americana, africana, asiática) é que a tornam rica e plural.

O *mosaico mágico* encontra também o seu lugar nos discursos dos autores entrevistados. Entre os autores brasileiros e portugueses foi possível identificar entendimentos próximos desta ideia de lusofonia, quando se referem ao cruzamento das diversas culturas presentes no espaço de língua portuguesa, bem como ao seu potencial num mundo caracterizado pela globalização.

Deste modo, poder-se-á concluir que o espaço virtual ao unificar o espaço fragmentado onde se fala o português, acaba também por colocar os vários entendimentos da lusofonia ao alcance de uma tela de computador.

Algumas conclusões sobre trânsitos lusófonos na Sociedade em Rede

A Sociedade em Rede representa, nos nossos dias, o paradigma de desenvolvimento que inspira uma parte significativa da intervenção política e económica no mundo global, transformando os modos de vida dos cidadãos de forma acelerada. Interessou-nos, neste artigo, perceber como os cidadãos que falam, pensam e sentem em português vivem esta nova realidade, analisando para isso os seus trânsitos nas mais diversas direções.

Examinando a experiência que serviu de ponto de partida para esta investigação, a avaliação intercalar do POSI no arquipélago dos Açores, foi possível perceber a importância das TIC – suporte tecnológico da sociedade em rede – enquanto instrumento de comunicação para populações que procuram combater o seu isolamento, nomeadamente através do contacto com familiares e com amigos que se encontram na diáspora.

O estudo exploratório aqui apresentado reforçou, por sua vez, a ideia de que cidadãos que vivem processos migratórios utilizam os dispositivos da internet no sentido de reduzirem a distância que os separa da sua terra natal, produzindo conteúdos para blogues e sites e participando em redes sociais no ciberespaço. Os seus trânsitos são, deste modo reais, mas também virtuais.

A investigação empírica apresentada neste trabalho indica que o espaço virtual constitui-se como um local de partilha entre bloguistas e entre estes e outras vozes que revelam preocupações semelhantes. Neste caso, interessou-nos os trânsitos virtuais acerca de questões relacionadas com lusofonia.

A investigação apresentada permitiu identificar os vários entendimentos sobre a identidade lusófona construída por cidadãos proativos que, no ciberespaço, representam a diversidade e a pluralidade de culturas que caracterizam o mundo de língua portuguesa. Essa diversidade ficou bem clara quanto aos significados que estes cidadãos atribuem ao projeto da lusofonia.

Segundo Barlow (2008), os dispositivos de comunicação mediada por computador como os sites e os blogues possibilitaram a expressão de ideias por parte de cidadãos comuns que, assim, viram ampliado o seu campo de ação sem terem de passar pelos filtros dos editores. É neste novo ecossistema comunicacional que emerge um poder gigantesco que escapa à autoridade das elites dos media, uma vez que gente talentosa e criativa, a quem nunca tinha sido dada voz, passa a ter lugar na cultura de massas, promovendo as suas ideias e até os seus sonhos (CROSS, 2011).

Admitindo esta visão otimista sobre o potencial da internet, poderemos perspetivar um novo capítulo na história do espaço lusófono capaz de englobar a diversidade presente nos diferentes lugares onde se fala o português. Do espaço real altamente fragmentado, passamos ao espaço virtual tecnologicamente unificado capaz de juntar os mais diversos estilhaços que compõem o *mosaico mágico* que a lusofonia representa.

Referências Bibliográficas

ANDERSON, B. *Imagined communities: Reflections on the origins and spread of nationalism*. London: Verso, 1983.

BARLOW, A. *Blogging America: the new public sphere*. Westport: Praeger, 2008.

BRITO, R. H. P. & HANNA, V. L. H. Sobre identidades em contexto lusófono: reflexões. In BASTOS, N. (Org.) *Língua Portuguesa, cultura e identidade nacional*. São Paulo: EDUC, 2010, pp. 75-96.

BUTLER, J. Restaging the universal Hegemony and the limits of formalism. In J. Butler, E. Laclan & S. Zizek (Eds). *Contingency, hegemony, universality: contemporary dialogues on the left*. London and New York: Verso, 2000, pp. 11 - 43.

CROSS, M. *Bloggerati, twiterati: How blogs and Twitter are transforming popular culture*. Santa Barbara: Praeger, 2011.

CUNHA, L. Singularidades inabaláveis e convergências desejadas: discursos e políticas da lusofonia. In *13º Congresso de Língua Portuguesa / 4º Congresso da Lusofonia*. São Paulo: EDUC, 2010.

ÉVORA, S. L. & SILVA, A. L. T. Desafios das redes de comunicação e de educação no espaço lusófono: Da blogosfera cabo-verdiana à cidadania global. In MARTINS, M., CABECINHAS, R. & MACEDO, L. (Eds.) *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona*, 8, 2010, pp.51-59.

MACEDO, L. Políticas para a Sociedade da Informação: da conceção à implementação. In *Comunicação e Sociedade*, 7, 2005, pp.71 - 93.

MACEDO, L. Diversidade no espaço lusófono virtual. Algumas pistas para reflexão. In MARTINS, M. & CABECINHAS, R. (Eds.) *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona*, 7, 2009, pp.193 – 203.

MACEDO, L., CABECINHAS, R., & MACEDO, I. Perspetivas sobre infoexclusão no ciberespaço lusófono. In *1º Congresso Nacional sobre Literacia, Media e Cidadania, 2011*. Braga: Universidade do Minho, 2011.

MACEDO, L. & MARQUES, J. A. A lusofonia é uma ave migratória – Entrevista a Olinda Beja, escritora e poetisa santomense. In MARTINS, M., CABECINHAS, R. & MACEDO, L. (Eds.) *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona*, 8, 2010, pp. 283-292.

MACEDO, L., MARTINS, M.L. & MACEDO, I.M. “Por mares nunca dantes navegados”: contributos para uma cartografia do ciberespaço lusófono. In MARTINS, M., CABECINHAS, R. & MACEDO, L. (Eds.) *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona*, 8, 2010, pp. 11-39.

MARTINS, M.L. (2006). A Lusofonia como promessa e o seu equívoco lusocêntrico. In MARTINS, M., SOUSA, H. & CABECINHAS, R. (Eds.) *Comunicação e Lusofonia – Para uma Abordagem Crítica da Cultura e dos Media*. Porto: Campo das Letras, 2006, pp. 79-87.

PEDREIRA, J. M. (2000). From Growth to Collapse: Portugal, Brazil, and the Breakdown of the Old Colonial System (1760-1830). In *Hispanic American Historical Review*, Nov 2000, Vol.80, Issue 4, pp.839 – 865, 2000.

SOUSA, H. Comunicação e Lusofonia: do lugar acrítico ao lugar da procura. In MARTINS, M., SOUSA, H. & CABECINHAS, R. (Eds.) *Comunicação e Lusofonia – Para uma Abordagem Crítica da Cultura e dos Media*. Porto: Campo das Letras, 2006, pp. 9-14.

WEBSTER, F., *Theories of Information Society* (4.^a ed.). London: Routledge, 1999.